

A VOZ DA CRIANÇA EM TRABALHOS DO GT7 DA ANPEd (2011 – 2015)

Adelir Aparecida Marinho de Barros¹
adelir.amb@gmail.com
Heloisa Helena Oliveira de Azevedo²
hazevedo@puc-campinas.edu.br

RESUMO

171

Tendo como objetivo traçar quanti-qualitativamente um panorama a respeito de publicações sobre pesquisas desenvolvidas com crianças, realizamos revisão bibliográfica que resultou na escrita desse artigo. Utilizamos a base de dados do grupo de trabalho GT7 – Educação da criança de zero a seis anos - da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd), delimitando o período de 2011 a 2015. Selecionamos trabalhos que evidenciavam as vivências e experiências e, especialmente, os que traziam os indícios expressivos, próprios da criança nas questões postas pelos autores. Os resultados indicaram que ainda é um desafio ter a criança como principal interlocutor, em especial, o que sinaliza a importância de pensar metodologias que possibilitem evidenciar a criança nas pesquisas dando-lhe vez e voz.

Palavras-chave: Educação infantil; Revisão Bibliográfica; Criança de zero a seis anos; Infância

1 INTRODUÇÃO

Considerando o contexto de pesquisas educacionais, em nível acadêmico-científico, observa-se uma tendência em apresentar as crianças como sujeitos de pesquisa, resultado das mudanças no cenário sócio-histórico ocorridas ao final do século XX no mundo ocidental. Muitos dos objetivos estabelecidos nessas pesquisas centraram-se em estudar os indícios expressivos próprios da criança, ou seja, tiveram a criança como sujeito participante e principal interlocutor.

No entanto, esses objetivos tornaram-se um grande desafio, ou seja “[...] a compreensão sobre os pensares, sentires, dizeres, saberes e fazeres específicos das crianças” (Martins Filho, 2010, p.1). Desafio que passa a ser “enfrentado” na intenção de superar as concepções sobre criança e infância que foram estabelecidas historicamente, ou seja, a perspectiva adultocêntrica,

¹Doutoranda em Educação na linha de pesquisa Formação de Professores e Práticas Pedagógicas na Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Mestre em Educação, pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (2015). Possui experiência como docente na disciplina de Artes e como Orientadora Pedagógica em Ensino Fundamental e Educação Infantil.

²Professora/Pesquisadora Titular do Programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUCCAMP). Atua na linha de pesquisa Formação de Professores e Práticas Pedagógicas e integra o grupo de pesquisa Formação e Trabalho Docente. Possui mestrado (2000) e doutorado em Educação pela Universidade Metodista de Piracicaba (2005), com estágio de doutorado em Formação de Professores de Educação Infantil no exterior, na Universidade de Aveiro/Portugal.

que compreende as crianças como incapazes de argumentar, se expressar, ou de compreender os diferentes pontos de vista das situações a que são submetidas, assim, negando-lhes o direito de manifestar seus interesses, desejos ou falar sobre si mesmas.

Como destacado, as concepções acerca da terminologia criança e infância se configuraram historicamente, nesse sentido, é relevante, situarmos as compreensões teóricas sobre os termos, de acordo com Meinert, 2013, Kohan, 2008, Ghiraldelli Jr., 2001. Os autores apontam ser muito estreita a relação feita entre as terminologias e os diferentes contextos sociais de cada tempo histórico, por vezes estabelecidas inclusive como sinônimos (Meinert, 2013). O domínio teórico apresentado por eles, advém da busca etimológica da palavra infância

Um indivíduo de pouca idade é denominado '*infans*'. Esse termo está formado por um prefixo privativo *in* e *fari*, 'falar', daí seu sentido de que 'não fala', 'incapaz de falar'. Tão forte é seu sentido originário que Lucrécio emprega ainda o substantivo derivado '*infantia*' como sentido de 'incapacidade de falar'. Porém, logo '*infans*' – substantivado – e *infantia* são empregados no sentido de '*infante*', 'criança', infância respectivamente. De fato, é desse sentido que geram os derivados e compostos, todos da época imperial como '*infantilis*', 'infantil'; '*infanticidium*', 'infanticídio', etc. (KOHAN, 2008, p. 40) [grifos do autor].

Da mesma forma, o termo infante ratifica o entendimento da impossibilidade de dar voz a criança, defendida na idade média por meio dos pressupostos de São Agostinho que sustentava que a criança “[...] não possuindo a linguagem (-“*infante*”-: o que não fala portanto, aquele que não possui *logos*), mostrar-se-ia desprovida de *razão*, exatamente o que seria o reflexo da condição divina em nós, os adultos” (GHIRALDELLI JR., 2001, p. 24).

As definições revelam que a percepção da incapacidade de fala da criança é atribuída ao fato de que, se ela não possuía um desenvolvimento cognitivo que lhe possibilitasse fazer uma elaboração de pensamento, não poderia alcançar e expressar o resultado disso que se daria por meio da oralidade. Desta forma, segundo Kohan (2008), lhe era tirado o direito de se expressar, sustentado pela ideia da falta de domínio da linguagem oral, e de ser um indivíduo desprovido de razão, revelando o entendimento de que ela não possuía consciência de seus atos e, assim, seria incapaz de explicá-los. Desse modo, o paradigma posto era de que só após ter domínio da linguagem oral lhe seria concedido o direito de participar, sinalizando assim a compreensão da criança como um vir a ser, como uma “promessa de futuro”.

A referência da não possibilidade de manifestação da criança, em virtude de ela não possuir o domínio da linguagem oral e nem sobre seus comportamentos – brincadeiras e atitudes -, eram interpretadas como impulsos sem consciência e por isso a necessidade de domesticação. Eram conceitos estabelecidos, resultado de práticas culturais políticas, econômicas e sociais de

um determinado contexto histórico.

Em virtude das mudanças históricas e paradigmáticas as concepções sobre a criança e sua infância tiveram diferentes entendimentos, revelando assim o posicionamento social, histórico e econômico do lugar que a criança ocupava na sociedade. Assim, em linhas gerais, não diríamos que houve “evolução” em relação a concepção de criança, mas que as mudanças que ocorreram nas diferentes sociedades como expansão comercial e avanço científico, provocaram a transformação e superação de pensamentos então estabelecidos sobre a criança como ser impuro, tábula rasa ou ser puro, impulsionando a elaboração de novos paradigmas e de reconhecimento da criança como ser social e de direitos.

Diante disso, podemos apontar como primeiro desafio posto ao pesquisador que tem crianças como participantes de sua pesquisa é que ele tenha claro a concepção de criança/infância que embasará suas análises, interferindo também na escolha dos instrumentos que utilizará na produção do material empírico. Desta forma, implica reconhecer que “[...] as crianças possuem uma natureza singular, que as caracteriza como seres que sentem e pensam o mundo de um jeito muito próprio” (MARCHIORI, 2012, p. 6).

As discussões apresentadas até aqui têm como objetivo introduzir as questões estabelecidas para a produção desse artigo, resultado de revisão bibliográfica, feita na base de dados da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd) no grupo de Trabalho – Educação de crianças de 0 a 6 anos (GT07). Nosso objetivo foi o de verificar se o objetivo posto pelos autores nos trabalhos selecionados – ouvir a criança – foi garantido. Delimitamos o marco temporal de 2011 a 2015 para essa busca. O artigo apresenta-se em cinco partes, contando com a introdução e as considerações finais. Iniciamos justificando o porquê da escolha do marco temporal, depois evidenciamos o caminho metodológico realizado na revisão, para em seguida estabelecermos diálogos com os estudos de Martins Filho (2010) e Vercelli e Costa (2016). Nossa apresentação, das pesquisas selecionadas, evidenciará as metodologias utilizadas, contextos escolhidos, bem como a filiação teórica. Apresentamos também uma síntese dos resultados apresentados nas pesquisas em cada edição da ANPEd e pontuaremos quais concepções são reveladas, por meio das escolhas teórico-metodológicas dos trabalhos selecionados. Finalizamos apresentando alguns desafios que emergem das pesquisas com crianças, particularmente aquelas que expressam o objetivo de lhes dar voz.

2 A DEFINIÇÃO DO MARCO TEMPORAL

A escolha do marco temporal, ocorreu em função de duas publicações de interesse sobre

o tema, a saber: a de Martins Filho (2010) e a de Vercelli e Costa (2016). A pesquisa de Martins Filho (2010) cujo o título é “Jeitos de ser criança: balanço de uma década de pesquisas com crianças apresentadas na ANPED” teve como objetivo mapear e analisar publicações feitas na ANPED no período de 1999 a 2009, que tinham a participação de crianças como protagonistas. O estudo publicado por Vercelli e Costa denominado “Trabalhos produzidos no GT07 da ANPED de 2010” teve como objetivo verificar os resultados de trabalhos apresentados no ano de 2010 no GT07 e comparar estes resultados aos indicados por Martins Filho em seu levantamento.

Nossa intenção, com a construção deste artigo foi, portanto, de mapear os trabalhos publicados no GT07 da ANPED de 2011 a 2015³ e dar continuidade aos estudos de Martins Filho (2010) e de Vercelli e Costa (2016) estabelecendo um diálogo com eles, em especial o de Martins Filho, que está em consonância ao determinado por nós para esta produção.

3 PERCURSO METODOLOGICO DA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

AS concepções construídas historicamente sobre a criança e o processo recente sobre a compreensão da mesma como sujeito social e de direitos, nos possibilitou refletir sobre os desafios impostos no desenvolvimento de pesquisas que tinham como objetivo ter crianças como principais interlocutoras.

O interesse por conhecer pesquisas educacionais desenvolvidas com crianças em nível acadêmico-científico motivou esta revisão bibliográfica, que por sua vez objetivou identificar os procedimentos metodológicos utilizados pelos pesquisadores de ter a criança como principal interlocutora e como os pesquisadores “enfrentaram” este desafio de dar “voz” às crianças.

3.1 O processo da revisão bibliográfica

A revisão bibliográfica foi realizada na base de dados da reunião anual da ANPED no grupo de trabalho GT07, cujas demandas estabelecidas foram em termos de publicações de trabalhos, o recorte temporal escolhido foi o período de 2011 a 2015.

Objetivando melhor esclarecimento sobre como foram realizadas as buscas, faremos a seguir o detalhamento sobre esse procedimento realizado no banco de dados. Salientamos que o processo de busca que apresentaremos a seguir foi realizado no mês julho de 2017.

Na pesquisa feita no site da ANPED, selecionamos o ícone: Reuniões Científicas e nesse o tópico: Nacionais. Examinamos cada um dos Anais publicados a partir da 34^a Reunião Nacional

³ As reuniões nacionais da ANPED até o ano de 2011 eram realizadas anualmente e a partir do ano de 2013 passaram a ser realizadas de 02 em 02 anos.

que aconteceu no ano de 2011 até a 37ª Reunião Nacional ocorrida em 2015. Nas páginas de cada evento selecionamos Trabalhos, e nele buscávamos pelo GT7. Essa consulta resultou na tabela 1.

Tabela 1 – Revisão bibliográfica realizada na ANPED (GT7) – 2011 a 2015

Fonte: Dados selecionados e organizados pelas autoras

ANO	NÚMERO DE TRABALHOS ENCONTRADOS
2011	15
2012	18
2013	12
2015	29
TOTAL	74

Ao consultarmos a base de dados da ANPED, identificamos 74 trabalhos e realizamos a leitura dos títulos e resumos de todas as publicações. Por meio desse procedimento selecionamos

aqueles que abordavam na descrição dos procedimentos metodológicos, a realização de pesquisa com criança. Esse procedimento resultou na tabela 2.

Tabela 2 – Seleção dos trabalhos ANPED (GT7) – 2011 a 2015

Fonte: Dados selecionados e organizados pelas autoras

A partir da leitura dos resumos, buscamos identificar quais trabalhos sinalizavam metodologias de pesquisas com criança, e especialmente os que traziam a criança como a principal interlocutora e sujeito participante na pesquisa. Alguns descreveram no resumo que professores e auxiliares de sala também seriam sujeitos da pesquisa, mesmo assim mantivemos esses trabalhos na seleção para verificar, por meio de posterior leitura na íntegra, se haveria algum indicativo em termos de categorias, ou se apresentavam nas discussões as análises das entrevistas feitas com esses sujeitos (professores e auxiliares). Aqueles que trouxessem esses procedimentos seriam

ANO	TRABALHOS ENCONTRADOS	TRABALHOS SELECIONADOS
2011	15	03
2012	18	05
2013	12	07
2015	29	09
TOTAL	74	24

excluídos e nenhum trabalho foi excluído. Assim após a seleção procedemos à leitura na íntegra de todos os trabalhos.

As leituras feitas tiveram como foco principal identificar os procedimentos metodológicos, em virtude da centralidade que este ocupa no desenvolvimento das pesquisas, já que o mesmo possibilita responder aos objetivos delimitados e, para além disso, objetivamos também identificar as concepções de criança latente nos estudos, em função da escolha

metodológica.

4 DISCUSSÃO

O desafio de ter a criança como principal interlocutor em pesquisas científicas reside no fato de que ela não pode ser apenas um “caso” a ser estudado, como denunciado em Becchi (1994, p. 81) “(...) a criança torna-se o observatório - mas não o observado - mais cômodo para estudar a passagem entre o animal e o cientista! (...) a quase não falar mais com a criança, ocultando uma parte essencial da sua identidade!”. Essa afirmação foi estabelecida pela autora em virtude de resultados observados nas análises em pesquisas educacionais,

Mas existe, ao lado desta via longa e sofisticada, uma outra possibilidade menos refinada do ponto de vista teórico, de dar palavra à infância, isto é, de abordá-la para além das figuras retóricas, com intenção de falar dela consentindo a resposta, permitindo uma comunicação não só no verbo, mas também no gesto e no signo, no movimento e no caminho, no silêncio e no sintoma e dando espaço e direito a tais linguagens (BECCHI, 1994, p. 83).

Foram esses diferentes caminhos metodológicos que buscamos encontrar nos trabalhos selecionados na revisão bibliográfica que realizamos. Com vistas a conhecer as discussões apresentadas, detalhamos a seguir os aspectos encontrados, convém reforçar que sendo nosso foco de busca o GT07, os trabalhos desenvolvidos em creches também foram selecionados, visto que aqueles que tiveram como foco esse contexto em suas pesquisas, pontuavam a viabilidade de análises de recursos comunicativos, que algumas vezes eram verbais, mas em sua maioria eram recursos linguísticos não-verbais, em virtude de algumas faixas etárias observadas, mas que mesmo assim devem ser consideradas.

Realizada a leitura dos trabalhos selecionados, procedemos o refinamento dos dados que teve como intuito conhecer: (i) as discussões feitas em termos dos objetivos delimitados; (ii) os procedimentos metodológicos utilizados; (iii) o lócus da pesquisa; (iv) a faixa etária dos sujeitos de pesquisa; (v) a abordagem teórica no qual os trabalhos se embasaram; (vi) conceitos abordados; (vii) os resultados.

Na organização das análises feitas por nós dos trabalhos, nos propomos a dialogar, conforme já mencionado, com os trabalhos de Vercelli e Costa (2016) e de Martins Filho (2010), esse último principalmente em virtude da similaridade ao estabelecido para a revisão bibliográfica a que nos dispusemos fazer.

Vercelli e Costa (2016) evidenciam em seu estudo, o resultado do mapeamento de todos os trabalhos apresentados na 33ª ANPED no GT07. Na escrita inicial oferecem grande contribuição ao divulgarem relatos de publicações de livros e pesquisas que discutem

historicamente o movimento de inserção e reconhecimento da criança na sociedade e, em especial os avanços em relação às políticas públicas voltadas à Educação Infantil. Pontuam aspectos comparativos dos 16 trabalhos que analisaram em relação aos dados apresentados por Martins Filho (2010), sinalizam que dos 16 trabalhos apenas 5 são realizados especificamente com crianças. Os autores fazem menção à crescente tendência nas pesquisas de trazerem as crianças como sujeitos, afirmação que pode ser observada na tabela 2 por nós elaborada.

Martins Filho (2010) realiza um mapeamento das publicações feitas na ANPEd no período de 1999 a 2009 no GT07. Sua pesquisa busca por trabalhos e posters que foram apresentados nesse período, analisa 193 trabalhos, com foco em 25 trabalhos que se referiram a pesquisas com crianças.

Constatamos que o contexto de pesquisa mais utilizado continuou sendo as escolas públicas de Educação Infantil, assim como identificado nos estudos de Vercelli e Costa (2016) e de Martins Filho (2010). Em nossa revisão verificamos que 01 trabalho realizou concomitantemente a pesquisa em uma escola pública, uma privada e uma unidade de serviço social. Localizamos também pesquisas realizadas em uma comunidade ribeirinha, uma escola filantrópica de educação infantil, uma instituição pública federal e uma em um espaço de acolhimento institucional.

A utilização baseada em uma perspectiva etnográfica foi a mais citada nos trabalhos que lemos, assim como em Martins Filho (2010) o uso dessa metodologia foi justificado em virtude de demandar, dos sujeitos da pesquisa, maior interação. Segundo Reis (2013) “[...] interação cotidiana com os sujeitos da pesquisa, compreender a significação que os fenômenos investigados têm para eles” (p. 1) e também solicita a presença mais permanente no contexto que de acordo com Arenhart “[...] exige grande permanência do pesquisador no campo de pesquisa, [...] direta com estes e pela descrição densa de seus cotidianos” (2013, p.4), dos 24 trabalhos analisados, 16 deles descrevem realizar pesquisa de cunho etnográfico.

Os procedimentos metodológicos mais utilizados continuam sendo a observação participante e os registros fotográficos e de audiovisual, assim como os registros escritos em diários de campo. Identificamos o uso de entrevistas individuais com as crianças e entrevistas coletivas, que em alguns trabalhos pontuavam que o formato a ser utilizado seria em forma de roda-da-conversa. Este procedimento metodológico - entrevistas -, aparece em 9 dos 74 trabalhos, e em menor número aparecem análises de desenhos, análise de documentos preenchido pelos pais no ato da matrícula que apresentam dados relativos às crianças, e também análises de diário de registro das atividades pertencentes às professoras. As observações participantes geralmente foram feitas por meio de atividades livres como brincadeiras no parque e nos momentos de refeição, nas atividades sistematizadas realizadas em sala de aula e nas atividades que envolviam

jogos corporais.

Assim como nos trabalhos de Vercelli e Costa (2016) e de Martins Filho (2010) os trabalhos que selecionamos fazem uso de mais de um procedimento metodológico, ou seja, o uso simultâneo nas pesquisas de registro fotográfico, audiovisual, registro em diário de campo e de observações participativas. Compreendemos que o instrumento metodológico não pode ter um fim em si mesmo, sendo assim é importante que o instrumento utilizado alimente o desenvolvimento de outros instrumentos, o que possibilita a triangulação dos resultados.

Em termos de fundamentação teórica, o uso de abordagem teórica pautada na sociologia da infância foi a mais recorrente, resultado similar ao indicado no estudo de Martins Filho (2010). A justificativa para maior utilização dessa abordagem nos trabalhos é que ela confere à criança o estatuto de ator social e produtor de cultura, estabelece também um debate acerca das relações com a pedagogia da infância e com a antropologia da criança. Percebemos que alguns trabalhos sinalizam mais de uma perspectiva teórica, e em linhas gerais, apareceram também a perspectiva Sócio-histórica, Sócio Interacionista, Sociologia Interpretativa de Max Weber, Sociologia de Estruturação de Anthony Giddens, Pedagogia da Infância, Psicologia Cultural, Antropologia da Criança, Estudos Sociais da Infância e a Perspectiva baseada em Wallon.

Em relação à discussão dos resultados alguns trabalhos buscam sustentação também em Bakhtin, assim como compreensão do discurso utilizando autores como Sarah Mills, Foucault e reflexão da práxis em Marx.

Tendo por referência os resultados apresentados nos trabalhos selecionados em cada edição da ANPEd Nacional, foi possível traçar uma síntese das análises feitas por cada autor em sua pesquisa por meio dos objetivos por eles estabelecidos. Considerando se tratar de um grupo de trabalho que tem como foco as discussões que perpassam a Educação Infantil, articulado ao objetivo estabelecido por nós na revisão bibliográfica, foi possível observar unicidade em relação às discussões dos resultados nos trabalhos.

Iniciamos, apresentando o que foi observado na edição nº 34 da ANPEd. Podemos destacar a similaridade dos trabalhos em torno da palavra “ressignificação”, ou seja, os resultados apontam que em virtude do processo de resignificação as crianças estabelecem, seja por meio de brincadeiras onde é possível representar as vivências constituídas nos ambientes externos a escola, seja na atribuição de novos significados aos materiais e/ou atividades definidas pelos professores em sala de aula, ambientes por vezes muito coercitivos.

Na 35ª edição observamos, nos trabalhos selecionados, discussões que enfatizam a importância das relações, interações, evidenciando o quanto é relevante esse processo na constituição do ser singular. Neste sentido, especificam a importância de estratégias de processos de inclusão e aproximação em relação ao “olhar” acerca das singularidades e das necessidades

colocadas em virtude da compreensão e inserção de diferentes contextos.

A compreensão da importância da linguagem, foi o foco especificado nos trabalhos selecionados da 36ª edição, e neste limiar o diálogo como processo que contribui para a construção da autonomia, que deve ser planejada, organizada e promovida intencionalmente, tendo como finalidade a melhor qualidade das relações sociais.

O entendimento dos conflitos presentes no contexto das relações, foi o resultado fundante dos trabalhos que selecionamos na 37ª edição. Esses conflitos, por vezes são resultados de concepções pautadas em paradigmas que se perpetuam nos ambientes onde as crianças estão inseridas. Concepções que envolvem questões acerca de dimensões étnico-raciais, práticas coercitivas, representações sobre a compreensão etapista de desenvolvimento humano e representações sociais sobre o papel que a criança ocupa na sociedade e, nesse sentido, a compreensão de quais são os seus direitos.

Identificamos que os resultados dos trabalhos tiveram como objetivo evidenciar as diferentes formas que a criança tem de expressar seus desejos, suas preferências e a forma com que compreendem o mundo que as rodeia.

Nesse sentido, observamos que os trabalhos, por meio de diferentes instrumentos metodológicos, buscaram realizar a “leitura” desses indícios, um destes foi a brincadeira, onde as crianças revelaram suas possibilidades expressivas, mostrando serem capazes de ressignificar vivências, fato comprovado nas modificações ocorridas na forma como conduziram as atividades – por vezes impositiva-, definidas pelas professoras, ou por meio do processo de relações estabelecido entre os pares, na demonstração de respeito às singularidades. Nos momentos de observação foi possível compreender que as crianças são capazes de, inseridas em um mundo que apresenta uma infinidade de referências simbólicas de cultura - e que ocasionalmente é apresentado a elas pela mídia -, de lerem esses signos e ícones e atribuírem sentidos para isso, sinalizando que procuram sair do lugar passivo para um processo relacional com essas informações, por vezes, transposta na criação de enredos, ampliando os elementos imaginativos, propiciando autoria nas produções e em diferentes linguagens. O uso destas diferentes linguagens possibilita que a criança se posicione, demarcando seu jeito de pensar, a versatilidades de ações sociocomunicativas exteriorizada nos momentos de partilha, seu entendimento em relação a “negociações” no coletivo e os sentidos atribuídos as suas vivências com os pares e com as próprias, enunciadas na interlocução na participação das entrevistas (rodas de conversa).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, destacamos que os trabalhos sinalizam que a criança como ser singular tem

sua autoria revelada por meio de múltiplas linguagens. É capaz de ‘quebrar’ a resistência imposta no contexto escolar, referenciada nas atividades rigidamente estabelecidas e didatizadas, ressignificando-as.

Estabelecem ainda, a necessidade de uma formação sólida de professores para essa etapa educativa, em virtude, de maior compreensão do desenvolvimento infantil com vistas à elaboração de práticas pedagógicas que respeitem a cultura de pares, as singularidades e a articulação entre o indivíduo e o coletivo. Isso porque, atentando-se as discussões dos resultados observados nos trabalhos, podemos inferir que, se o docente compreender essas diferentes formas de comunicação, terá a possibilidade de revistar os objetivos que estabelece em seu planejamento revelado por meio das atividades pedagógicas que elabora e, assim mudar o curso da lógica adultocêntrica muitas vezes impostas no contexto da Educação Infantil e, para além disto contribuir na construção de uma cultura de reconhecimento da criança como sujeito de direitos, discussão que deve ser inserida no processo de formação inicial e continuada dos professores.

Considerando o contexto especificamente de creche, em relação à prática docente torna-se possível uma mudança de postura, se for pensada a possibilidade de “captura” dos interesses e desejos das crianças bem pequenas, por meio da interpretação, da escuta e da atenção aos indícios expressivos não-verbais, revelando possibilidade de interlocução ativa com eles, na “tradução” de suas expressões sociocomunicativas, que por vezes são manifestados por recursos corporais, indicando apropriação e elaboração das situações cotidianas. Observa-se assim, que a linguagem social e dialógica se constitui carregada das marcas que são convencionadas nas relações e interações sociais.

Nesse sentido, compreendemos que a escuta, como um recurso que possibilitará o entendimento dos desejos, necessidades e intenções das crianças, nesse sentido, consideramos e validamos as suas necessidades expressivas, da mesma forma a validação de suas ações sociocomunicativas que se estabelecem como elementos contextualizadores da organização didática.

Isso posto, e como destacado no início do texto, ouvir a criança em um universo de pesquisa, dar voz à criança é um desafio. Nesse sentido, consideramos necessárias a reflexão e a ampliação de estudos sobre este dado, em especial, a possibilidade de superar outro desafio, o uso das narrativas como procedimento de produção de material empírico, já que alguns recursos metodológicos usualmente utilizados podem trazer a marca da visão adultocêntrica a respeito do processo de se compreender a criança. Pontuamos o uso das narrativas porque reconhecemos a importância do recurso discursivo, como um potente recurso metodológico na construção de análises, em especial, relacionada às questões envolvendo singularidades do campo de pesquisa dos sujeitos.

Compreende-se assim que por meio da narrativa, a criança ao contar e/ou revelar questões inseridas em suas atividades diárias, concebem e (re)significam seu mundo. E para o pesquisador pode ser um instrumento potencializador de reflexões teóricas.

THE CHILD'S VOICE AT WORKS OF ANPEd GT7 (2011 - 2015)

ABSTRACT

Aiming to draw a quanti-qualitative panorama about publications on research developed with children, we performed a bibliographic review that resulted in the writing of this article. We used the database of the working group GT7 - Child Education from zero to six years old - of the National Association of Graduate Studies and Research in Education (ANPEd), delimiting the period from 2011 to 2015. We selected works that showed the experiences and experiences and, especially, those that brought expressive evidence, typical of the child in the questions posed by the authors. The results indicated that it is still a challenge to have the child as the main interlocutor, in particular, which signals the importance of thinking about methodologies that make it possible to highlight the child in research, giving him time and voice.

Keywords: Early childhood education; Literature review; Child from zero to six years; Childhood

REFERÊNCIAS

ARENHART, Denise. Culturas infantis em contextos desiguais: marcas de geração e classe social. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPEd, 36, 2013. Goiânia. *Anais eletrônicos...*Goiânia: Anped, 2013. Disponível em: http://www.anped.org.br/sites/default/files/gt07_2703_texto.pdf. Acesso em: 18 abr. 2017

BECCHI, Egle. Reitorica da Infância, tradução Ana Gomes, *PERSPECTIVA*. Florianópolis, UFSC/CED, NUP, n. 22, p. 63-95, 1994. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/viewFile/10743/10258>. Acesso em 03 de mai. 2017.

GHIRALDELLI, JR., Paulo. As concepções de infância e as teorias educacionais modernas e contemporâneas. *Educação*, Santa Maria, v.26, n.2, p.23-33, jul./dez. 2001. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/3680>. Acesso em: 4 abr. 2018.

KOHAN, Walter Omar. Infância e filosofia. In: SARMENTO, Manuel; GOUVEA, Maria Cristina S. de. (org.) *Estudos da infância*: educação e práticas sociais. Petrópolis: Vozes, 2008, p.40-61.

MARCHIORI, Alexandre Freitas. O discurso da criança como sujeitos de direitos: perspectivas para a educação física na infância. *Zero-a-seis*: revista eletrônica, Florianópolis, v. 14, n. 25, p. 1-20, jan./jun. 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/zeroseis/article/view/1980-4512.2012n25p33>. Acesso em: 5 abr. 2018.

MARTINS FILHO, Altino José; BARBOSA, Maria Carmem. Metodologias de pesquisa com Rev. Educ., Cult. Soc., Sinop/MT/Brasil, v. 11, n. 2, p.171-182, jul./dez.2021

crianças. *Reflexão e Ação*, v. 18, n.2, p. 8-28, out.2010. Disponível em:
<https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/1496>. Acesso em: 04 abr. 2017.

MEINERT, Letícia. **Criança, infância, escola e teoria histórico-cultural na pesquisa educacional brasileira: uma reflexão introdutória**. 2013. 227 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013. Disponível em:
<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/122756/325950.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 18 nov. 2018.

VERCELLI, Ligia de Carvalho Abões; COSTA, Josivaldo de Sousa. Trabalhos produzidos no Gt07 da ANPED no ano de 2010: o que revelam as pesquisas? *REAE – Revista de Estudos Aplicado em Educação*, v.1, n.2, ago./dez. 2016. Disponível em:
https://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_estudos_aplicados/article/view/4292. Acesso em: 04 abr. 2017.